



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS BINACIONAL DE OIAPOQUE
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA

GILZA DOS SANTOS

A ESCOLA MANOEL DOS SANTOS – um estudo de caso do ensino bilíngue

OIAPOQUE-AP

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA.

A ESCOLA MANOEL DOS SANTOS – um estudo de caso do ensino bilíngue

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito obrigatório para obtenção de Grau de Licenciatura do Curso Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá, Habilitação em Linguagens e Códigos, sob orientação da Prof^a Dr^a Gelsama Mara Ferreira dos Santos.

RESUMO

Este trabalho é um estudo de caso sobre o ensino bilíngue praticado na escola Manoel dos Santos. Esta escola atende alunos Karipuna e Galibi-Marworno, cada etnia apresenta uma situação linguística diferente. Os alunos Karipuna tem a língua portuguesa como língua materna, alguns entendem um pouco de Kheuól, mas não falam. Os alunos Galibi-Marworno são falantes de Kheuól como língua materna, todos são bilíngue kheuól/português. A escola Manoel dos Santos se encontra na aldeia Kariá, uma aldeia Karipuna, localizada à margem esquerda da BR 156, que liga a capital Macapá ao município Oiapoque, no Km 60. Atualmente, a aldeia possui 13 famílias das etnias, Karipuna e Galibi-Marworno. A escola possui 2 professoras da etnia Karipuna, uma fala pouco o Kheuól e a outra, fala fluentemente o Kheuól karipuna. Atendemos 12 alunos, 5 Karipuna e 7 Galibi-Marworno. Os alunos Galibi-Marworno são oriundos da aldeia Kumarumã, vieram com seus pais, em busca de um lugar melhor para morar. Alguns já chegaram alfabetizados em sua língua materna, na língua Kheuól e outros para serem alfabetizados. Nesta escola a alfabetização é em português, portanto, tanto os alunos galibi-marworno quanto os karipuna são alfabetizados em português. Esta é a questão que me fez refletir neste trabalho, como a escola resolveu o problema dos alunos bilíngue, qual a língua de ensinamento que a escola adotou, ou seja, a língua utilizada em sala de aula para repassar os conteúdos. Neste trabalho, eu quero, a partir da minha experiência em sala de aula, fazer uma reflexão sobre o processo de ensinamento em nossas escolas, como trabalhamos a questão da diversidade linguística dentro da sala de aula. Nas escolas indígenas é comum atender alunos de diferentes etnias, portanto, vou apresentar como fazemos na escola Manoel dos Santos, e pensar metodologias que atendam essas especificidades.

Palavras-Chave: alfabetização; bilinguismo; escola indígena.

HEZUM

Sa thavai-la ka pote un djiskusiō suje fom dji mōthe de lang lādā lekol Manoel dos Santos. Sa lekol-la ka husuve alun karipun i galibi-marworno, xak pov ke un situaciō dji lang djifehā. Alun karipun iela gāiē lang potxige kom lang mamā, ie ka kōphan un moso dji kheuol mē ie pa ka pale. Alun galibi-marworno-iela ka pale kheuol ie gāiē lang kheuol kom lang mamā, ie tut ka kose de lang kheuol/potxige. Lekol Manoel dos Santos ka hete la komunite Kariá, un komunite karipun, li lokalize lādā bo agox dji BR 156, ki ka fe ligasiō dji kapital Macapá a munisip dji Oiapok la km 60. Atxelmā komunite-la gāiē 13 lafamī dji de pov, kahipun i galibi-marworno. Lekol-la gāiē 2 methes dji pov karipun, un ka pale un moso dji kheuol i uot-la ka pale biē kheuol kahipun, lekol-la gāiē 12 alun, 5 karipun i 7 galibi-marworno. Alun galibi-marworno iela ie sa dji komunite kumahumā, ie vinī ke ie papa-iela, sase un kote ki bō pu ie hete. Un deja hive aufabetxize lādā ie lang mamā, lang kheuol i uot pa te āko aufabetxize. Mē lādā sa lekol-la aufabetxizasiō-la sa ā potxige, kumā pu alun galibi-marworno-iela kōsa pu alun kahipun-iela ie aufabetxizasiō a ā potxige. Sa a situaciō ki fe mo fe un heflesiō suje sa thavai-la i a sa ki pi īpohtā, ki a fom dji mōthe lang ki lekol-la adote, sa lang ki ka utxilize lādā lasal dji lekol pu hepase sa kōteudo-iela. Lādā sa thavai-la, mo le aphue dji mo tā dji thavai lādā lasal dji lekol, fe un heflesiō suje sa ximē dji konetmā dji no lekol-iela, ki boku lekol ka husuve alun dji djifehā pov i djiskite māiē dji mōthe ki ka husuve sa espezifikasiō-iela.

Pahol-iela: Aufabetizasiō; De lang; Lekol ēdjē.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 BREVE HISTÓRICO SOBRE O POVO KARIPUNA	7
1.1 Localização do povo Karipuna na terra indígena Uaçá	7
1.2 Breve histórico sobre a aldeia Kariá	8
2 COMO ESTE TRABALHO FOI DESENVOLVIDO	9
3 A ESCOLA MANOEL DOS SANTOS	10
3.1 A minha atuação na escola Manoel dos Santos	13
3.2 A minha sala de aula	14
3.3 O processo de ensino de alunos bilíngue	16
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
5 BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	24

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um estudo de caso sobre o ensino bilíngue praticado na escola Manoel dos Santos onde eu trabalho. Esta escola atende alunos karipuna e galibi-marworno, sendo que, os alunos karipuna tem a língua portuguesa como língua materna, os alunos galibi-marworno são bilíngues kheuól/português, mas tem o kheuól como língua materna.

A escola Manoel dos Santos se encontra na aldeia Kariá, uma aldeia Karipuna, localizada à margem esquerda da BR 156, que liga a capital Macapá ao município Oiapoque, no Km 60. Atualmente, a aldeia possui 13 famílias das etnias, Karipuna e Galibi-Marworno. São 57 moradores entre adultos, jovens e crianças. A escola funciona numa antiga residência, não tem estrutura de escola, são duas salas, sem banheiro e sem espaço para desenvolver atividades coletivas. Somos 2 professoras, uma merendeira, que é a mesma pessoa que faz a faxina e 12 alunos, 5 karipuna e 7 galibi-marworno.

Os alunos galibi-marworno são oriundos da aldeia Kumarumã, vieram com seus pais em busca de um lugar melhor para morar. Alguns já chegaram na aldeia alfabetizados em sua língua materna, na língua kheuól, e outros ainda não alfabetizados. Ao chegarem na aldeia Kariá se depararam com a situação de ter aulas somente em português, pois os professores que atuam na escola são da etnia Karipuna, uma fala pouco o kheuól e a outra, que sou eu, falo fluentemente o kheuól karipuna. Eu ministro aula em português e em kheuól, assim eu atendo os alunos karipuna e galibi-marworno. A outra professora só ministra aula em português e alguns momentos utiliza o pouco que ela sabe de kheuól para tirar algumas dúvidas dos alunos. Isso é um grande problema para o aprendizado dos alunos galibi-marworno, já que eles não dominam o português suficientemente para compreender os conteúdos das aulas. Esta questão me fez refletir sobre uma metodologia de ensino que contemple tantos os Karipuna quanto os Galibi-Marworno. O ponto principal é a língua de ensinamento, ou seja, a língua utilizada em sala de aula para repassar os conteúdos.

Neste trabalho eu vou descrever a minha experiência em sala de aula. A minha pesquisa foi realizada na escola na qual eu trabalho. O tema do meu TCC nasceu das minhas reflexões sobre o modelo de escola que nós oferecemos aos nossos alunos. Senti a necessidade de compartilhar as minhas experiências de sala

de aula e buscar uma saída para o problema posto. Neste sentido, vou apresentar minha prática pedagógica utilizada para atender às necessidades dos meus alunos, vou descrever os nossos desafios e a nossa busca de uma melhor forma de ensinar utilizando metodologias aliadas às práticas tradicionais do nosso povo. Eu sou Karipuna, a minha língua materna é o português, fui alfabetizada em português. Aprendi o Kheuól karipuna com os meus pais, mas hoje, a língua utilizada em minha casa é o português.

1 Breve histórico sobre o povo Karipuna

Os Karipuna formam uma população heterogênea de famílias brasileiras, vindas do salgado paraense e ilhas do Amapá e de outros lugares mais longínquos que se misturaram a uma população local e se reconheceram como indígena.

Tassinare (2003, p.16) explica o termo Karipuna. Ela nos oferece uma completa história sobre povo Karipuna a partir de suas pesquisas de campo e documentais do século XVII.

O termo Karipuna é usado como autodenominação pelos mesmos, e indica uma identidade de 'índios misturados', 'civilizados' ou 'avançados', que é tanto atribuída como assumida pelas famílias Karipuna. A noção de "mistura" expressa pelas famílias refere-se a sua origem heterogênea, bem como às constantes alianças que estabelecem com indivíduos ou famílias estrangeiras.

De acordo com Vidal (2009, p. 17),

Os Karipuna são uma população bastante heterogênea do ponto de vista étnico. Famílias provenientes das missões portuguesas, falantes da língua geral do Amazonas, denominadas Tapouyes pelos franceses, que provavelmente também estiveram aldeadas em missões no litoral da Guiana, percorrem ao longo do século XIX a costa do Amapá até atingir o Baixo Oiapoque. Também são nomeadas Garipons e Caripounes pelos viajantes do século XIX que as encontram nos rios Uanarri, Curipi e Uaçá. São identificados como Karipuna pela Comissão Rondon, que visitou a região em 1927. Hoje, ocupam o rio Curipi em três aldeias maiores e inúmeras localidades, inclusive cinco aldeias ao longo da BR-156, sendo um antigo posto de vigilância.

1.1 Localização do povo Karipuna na terra indígena Uaçá

Segundo a FUNAI, no censo de 2017, a população Karipuna era de aproximadamente 2.282 (FUNAI, 2017). O número de aldeias constantemente é alterado, a cada ano as famílias criam novas aldeias. Atualmente os Karipuna estão

morando em 18 aldeias, sendo elas: 12 aldeias às margens do rio Curipi: Manga, Japim, Benoa, Paxiubal, Pakapua, Txipidõ, Santa Isabel, Taminã, Espírito Santo, Kubahi, Kutxitxi, Açaizal; 5 aldeias ao longo da BR 156: Estrela, Ahumã, Piquia, Karia, Curipi e 2 no rio Oiapoque: Kunanã e Ariramba. Todas as aldeias encontram-se nas três terras indígenas, Terra Indígena Uaçá, Juminã e Galibi, compartilhadas com mais 3 etnias: Galibi-Marworno, Galibi Kalinã e Palikur. Abaixo, na figura 01 podemos ver a Terra Indígena do Uaçá e onde está localizado o povo Karipuna.

Figura 1 – Mapa da TI UAÇÁ



Disponível em: <http://www.institutoiepe.org.br/area-de-atuacao/povos-indigenas/> acessado em 08/11/2019¹

1.2 Breve histórico sobre a aldeia Kariá

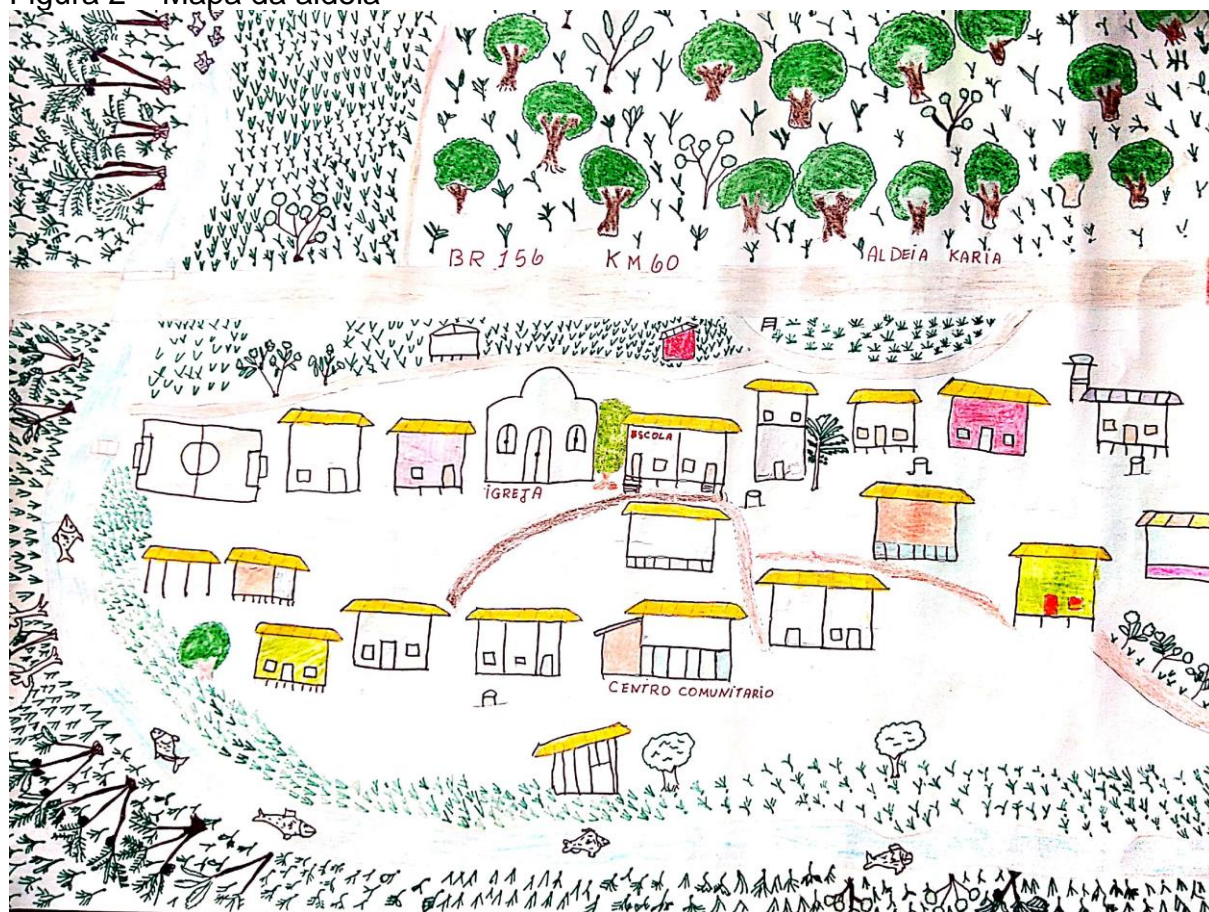
A aldeia Kariá foi fundada em abril do ano de 1999 pela família Zaquel Silva. A aldeia recebeu o nome de Kariá por causa de uma planta que tinha bastante na aldeia. Hoje, já não tem muito desta planta. Atualmente, a aldeia possui 13 famílias de duas diferentes etnias, Karipuna e Galibi-Marworno. São 57 moradores entre adultos, jovens e crianças.

¹ Figura modificada para uma melhor explicação.

Esta aldeia está localizada no Estado do Amapá, no Município de Oiapoque, na margem esquerda da BR 156, que liga a capital Macapá ao município Oiapoque, no Km 60.

A comunidade Kariá é uma aldeia evangélica, e a escola sempre trabalha em parceria com a igreja, principalmente nos eventos que acontece dentro da aldeia.

Figura 2 – Mapa da aldeia



Desenho: Anderson dos Santos (2019)

2 COMO ESTE TRABALHO FOI DESENVOLVIDO

Todo o trabalho faz parte da minha observação e atuação dentro da escola. Eu sou da etnia Karipuna, moro na aldeia do Manga que se localiza na margem direita do rio Curipi, na terra indígena Uaçá, no norte do estado do Amapá, há 24 km da cidade de Oiapoque.

Eu trabalho como professora, na rede municipal, desde março de 2017. Trabalhei primeiro, por dois anos, na aldeia Ahumã, uma aldeia Karipuna, com a alfabetização em português com crianças de 8 a 10 anos no terceiro e quinto ano. Nesta escola, eu trabalhava somente com a língua portuguesa, pois nesta aldeia o

português é a primeira língua das crianças. Esta experiência me fez refletir sobre a minha prática pedagógica e a falta de políticas linguísticas que prestigiassem nossa língua Kheuól, fortalecessem e trouxessem a língua para dentro da escola. Como eu não tinha nenhuma experiência com ensino, essas questões apenas ficaram no meu pensamento.

Quando eu fui trabalhar na aldeia Kariá, em 2019, eu me deparei com uma escola onde a questão da língua é muito presente. Nesta escola eu tenho alunos karipuna, que são falantes somente de português; alunos galibi-marworno, que falam Kheuól galibi-marworno e um pouco de português. Essa diversidade de línguas dentro da sala de aula me fez, novamente, refletir sobre a metodologia de ensino e a prática pedagógica a ser usada para atender essa realidade. Diante disso, eu resolvi utilizar o caso como tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Esta iniciativa é uma forma de apresentar o problema e refletir sobre o mesmo e buscar propostas metodológicas que atendam às especificidades da escola Manoel dos Santos.

3 A ESCOLA MANOEL DOS SANTOS

A escola foi fundada em 2001 no mandato do cacique João Manoel dos Santos da etnia Karipuna. Quando ela foi inaugurada tinha somente 09 alunos karipuna. Atualmente, a escola possui 12 alunos de duas diferentes etnias, Karipuna e Galibi-Marworno.

As famílias galibi-marworno vieram para aldeia Kariá pelo fato de, em Kariá, o meio de sobrevivência ser mais fácil. Nesta aldeia tem bastante mata bem perto para fazer roça de mandioca, fazer maricagens² de bananas, plantações de laranja, abacate, açaí, abacaxi etc. As famílias sobrevivem dessas plantações, tiram o seu sustento. Além disso, para ir até a cidade de Oiapoque para fazer compras, fazer consulta médica é mais barato o transporte, são só 60 KM de distância da aldeia até Oiapoque.

Em Kumarumã, a aldeia de onde eles vieram, a mata para fazer roça é muito distante, lá só as mulheres trabalham na roça, o que é muito difícil, é muito trabalho. Entre os Karipuna, o trabalho de roça é realizado por homens e mulheres.

² Local específico para plantar banana

Outro motivo que levou essas famílias a se mudarem para a aldeia Kariá é o casamento entre as etnias. Há muitos casais misturados, Karipuna com Galibi-Marworno; Karipuna com Palikur; Karipuna com não indígena. Assim as famílias vão se juntando formando uma aldeia composta de diferentes etnias.

A escola Manoel dos Santos é uma escola da rede municipal, sua sede está localizada na cidade de Oiapoque. A escola funciona num local que era uma casa residencial e não foi adaptado para ser uma escola. O espaço físico não é amplo e nem agradável. Ela só tem duas salas pequenas e uma cozinha pequena, não tem banheiro nem refeitório. Todos que trabalham na escola, assim como as crianças, utilizam o banheiro do vizinho que fica bem em frente da escola, o que é uma situação muito chata para todos.

Figura 03: Escola Manoel dos Santos



(acervo pessoal Gilza - 2019)

O lanche é feito embaixo de um galpão de palha que é da comunidade.

Figura 04: local onde as crianças lancham



(acervo pessoal Gilza - 2019)

Na escola não tem diretor, o pedagogo fica em Oiapoque. Ou seja, todo o administrativo fica em Oiapoque, na escola só ficam as duas professoras da etnia Karipuna, eu e a professora Natalina Aniká, a faxineira e a merendeira, que é a mesma pessoa. Não temos secretaria, biblioteca, só temos as salas de aula sem nenhuma estrutura para nos ajudar a dar aula, como computador, televisão ou data show, as nossas aulas são realizadas apenas com a criatividade dos professores.

Ao todo, a escola recebe 12 alunos: 5 alunos karipuna e 7 alunos galibi-marworno. A turma é dividida pelas duas professoras, são 5 alunos para mim e 7 para a outra professora.

Na grade curricular não tem definição de hora aula por semana para o componente curricular língua materna. Eu, por iniciativa própria, ministro aula em língua materna duas vezes na semana, são 4hs em cada aula. A língua kheuól tem pouco espaço dentro da grade curricular. Para compensar essa falta, eu sempre utilizo o kheuól como língua de explicação para os alunos galibi-marworno, quando eu percebo que eles não entenderam o assunto, ou quando eles me pedem. Eu sempre fico atenta aos alunos galibi-marworno, mas, mesmo que a turma seja formada por mais alunos galibi-marworno, eu tenho que trabalhar com a língua portuguesa, e de vez em quando usar o kheuól para tirar as dúvidas dos alunos galibi-marworno.

3.1 A minha atuação na escola Manoel dos Santos

Sou aluna do curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, campus Binacional. Ingressei no curso no ano de 2014, sou da área de linguagem e códigos. Em março de 2017, fui contratada para trabalhar como professora pela rede Municipal. Eu não tinha nenhuma experiência de sala de aula, eu não tinha muita prática, só tinha a teoria que aprendi na universidade. Os meus primeiros anos de experiência foram na aldeia Ahumã, uma aldeia Karipuna, que fica à margem direita da BR 156, que liga a capital Macapá ao município Oiapoque, no Km 68. Trabalhei por dois anos, em 2017 e 2018. Na aldeia Ahumã, eu trabalhei com a alfabetização em português com crianças de 8 a 10 anos, no terceiro e quinto ano, em 2017. Em 2018, trabalhei com crianças de 6 a 9 anos de idade com o primeiro, segundo e quarto ano do ensino fundamental. Não encontrei muita dificuldade, pois todos os alunos são falantes da língua portuguesa como primeira língua.

Hoje, sou professora na aldeia Kariá na escola Manoel dos Santos. Fui transferida para esta escola por causa da quantidade de alunos que era maior do que na aldeia Ahumã. Na época, a escola da aldeia Kariá tinha 16 alunos do primeiro período até o quinto ano e estava sendo muito cansativo para a única professora que havia lá.

Na aldeia Kariá me deparei com outra realidade. A escola é uma escola Karipuna e recebe, além dos alunos karipuna, alunos galibi-marworno. Os alunos karipuna são falantes somente de português, os alunos galibi-marworno falam Kheuól galibi-marworno e um pouco de português. Eu falo português e Kheuól karipuna que é um pouco diferente do Kheuól galibi-marworno. Essa diversidade de línguas dentro da sala de aula dificulta um pouco meu trabalho, eu tento trabalhar de forma que não deixe nenhum dos alunos prejudicado por causa da língua.

3.2 A minha sala de aula

Ao todo, a escola recebe 12 alunos que são divididos entre as 2 professoras, eu e outra professora. A turma é dividida em 5 alunos para mim e 7 para a outra professora, sendo assim a composição descrita abaixo:

(i) Do maternal ao primeiro ano (de 3 anos a 6 anos) – professora Natalina Aniká dos Santos. Desse grupo são: 3 meninos e 4 meninas – destes 3 são Karipuna (dois meninos de 3 e 5 anos; e uma menina de 6 anos) e 4 são Galibi Marworno (duas meninas de 5 anos; uma menina de 6 anos e um menino de 6 anos). Os alunos karipuna são falantes de português e os alunos galibi-marworno falantes de kheuól galibi-marworno e um pouco de português. Alguns alunos galibi-marworno iniciaram a alfabetização na aldeia Kariá, com a professora Natalina. Nesse caso, como a professora não fala kheuól, ela está alfabetizando as crianças em língua portuguesa.

(ii) Do segundo ano ao quinto ano (de 8 a 12 anos) - meus alunos

2 meninos e 3 meninas – destes são- 2 Karipuna (duas meninas de 8 e 10 anos) e 3 Galibi-Marworno (2 meninos de 8 e 11 anos) e (uma menina de 12 anos).

Os alunos galibi-marworno chegaram aqui na aldeia Kariá em janeiro de 2015. Quando eles estudavam em Kumarumã seus professores eram todos indígenas e falantes de Kheuól. Ao chegarem aqui, passaram a estudar com uma professora não-indígena. Quando esses alunos estudavam na aldeia Kumarumã, eles eram alfabetizados na sua língua materna, que é o kheuól. Os alunos contam que as suas aulas no Kumarumã eram realizadas em kheuól, só que, pela falta de material didático escrito na língua materna, o conteúdo era escrito em língua portuguesa, mas a explicação era feita na língua kheuól. A partir de 2015, quando eles vieram morar em Kariá, a alfabetização deles passou a ser em português por causa da professora que não era indígena. Isso causou um grande impacto no desenvolvimento da alfabetização deles, pois esses alunos são falantes de kheuól como língua materna, tem o português como segunda língua, eles não dominam bem o português. Quando eles chegaram na aldeia Kariá não tiveram opção, tiveram que frequentar as aulas dadas pela professora não indígena que só falava em português.

Já os alunos karipuna, tem o português como língua materna, foram alfabetizados em português, todos os materiais trabalhados na escola são em língua

portuguesa. Em casa, com seus familiares, falam somente o português. As minhas duas alunas karipuna vem de uma família formada pelo pai não indígena e mãe karipuna, por isso, a língua que elas dominam é o português, e isso é reforçado com a grande proximidade com a sociedade não indígena, com a cidade de Oiapoque, o português é a língua mais usada em lugar do kheuól.

Durante as aulas, os alunos galibi-marworno conversam somente entre eles, nesse momento eles falam em Kheuól, não conversam muito com os outros colegas de turma, os Karipuna. Na hora do intervalo, eles, os alunos galibi-marworno, interagem mais com os outros alunos, pois nesse momento eles brincam, se divertem, e é nesse momento que os alunos galibi-marworno falam um pouco de português com os outros.

Figura 05: sala de aula



atividade em sala de aula, na frente, dois alunos galibi-marworno, ao fundo três meninas, duas karipuna e uma galibi-marworno. (acervo pessoal Gilza - 2019)

E assim, os alunos galibi-marworno vão reforçando o seu aprendizado na língua portuguesa, pois eu nunca vi a situação contrária, dos alunos karipuna tentando falar em kheuól com eles. Esses alunos galibi-marworno mantem sua língua forte porque dentro das suas casas, seus familiares, só falam o kheuól galibi-marworno.

3.3 O processo de ensino de alunos bilíngue

A minha turma é formada por alunos falantes de português e falantes de português/kheuól galibi-marworno. Como eu faço para organizar as minhas aulas, organizar as atividades sem que os alunos bilíngues não sejam prejudicados? Sou Karipuna, tenho o português como língua materna, mas aprendi o kheuól com meus pais. Hoje eu falo e escrevo em kheuól karipuna.

Eu dou aula durante a semana, são 40 horas aulas. Trabalho das 7:30 às 11:30 da manhã, e das 13:30 às 17:30 da tarde. Os meus alunos, os Karipuna, quando chegam para minha turma, já estão alfabetizados, sabendo ler e escrever em português. Já, os Galibi-Marworno apresentam uma grande dificuldade com as habilidades de leitura e escrita em português. Eles trocam muitas palavras em português, não conseguem utilizar o gênero masculino e feminino.

A minha função é dar continuidade ao aprendizado, reforçando as habilidades de leitura e escrita em português. O meu grande desafio é produzir conteúdo que os alunos galibi-marworno possam reforçar as habilidades de leitura e escrita em Kheuól galibi-marworno.

Por exemplo, no dia que eu trabalho o componente curricular língua materna Kheuól, eu tenho que criar atividades que atendam aos alunos karipuna e aos alunos galibi-marworno. Eu início minha atividade escrevendo as palavras na língua kheuól karipuna, em seguida escrevo as mesmas palavras na língua kheuól galibi-marworno. Depois, também escrevo as mesmas palavras em português. Assim todos os alunos terão contato com as línguas presentes na escola, o kheuól karipuna e galibi-marworno e o português. Esta atividade tem o objetivo de promover a habilidade de escrita em suas línguas maternas e ao mesmo tempo de uma segunda língua. Ainda, nesta atividade, eu trago a discussão das diferenças de falar de cada língua, o kheuól karipuna e galibi-marworno tem suas diferenças no falar e, conseqüentemente, na escrita, quando eles veem as palavras escritas no quadro, os alunos galibi-marworno falando do jeito deles, os alunos karipuna do jeito deles, eu estou incentivando eles a respeitarem o modo ou o jeito de falar de cada etnia. Sempre digo para os meus alunos que o kheuól dos Karipuna não é errado e nem o kheuól dos Galibi-Marworno é errado, nem que existe língua mais certa que a outra, as duas estão certas porque são duas línguas diferentes. Procuro sempre trabalhar com palavras, temas do nosso cotidiano.

Por exemplo, uma atividade que mostra como se escrevem as palavras em:

Kheuól karipuna

kuié – colher;

kōsa – assim;

sa-la – esse, este;

hōte – vergonha;

bué - beber.

Kheuól Galibi-Marworno:

kuie – colher;

kōhã – assim;

hala – esse, este;

vōte – vergonha;

bue - beber.

Eu explico que na língua karipuna os sons das vogais (e, o) são mais abertos e para demonstrar isso usamos o acento agudo na escrita. Em Galibi-Marworno essas mesmas vogais têm o som mais fechado e na escrita não tem acento. Alguns sons como (h, s, v) são diferenciados para os Karipuna e Galibi-Marworno, como nas palavras abaixo:

Karipuna:

sa-la – esse, este;

Galibi-Marworno

hala – esse, este;

Karipuna

hōte – vergonha

Galibi-Marworno

vōte – vergonha

Uso frases para exemplificar as diferenças:

Por exemplo:

Em uma frase no kheuól karipuna.

Sa já-la kase

“este pote quebrou”

kheuól galibi-marworno.

Ha já-la kase

“este pote quebrou”

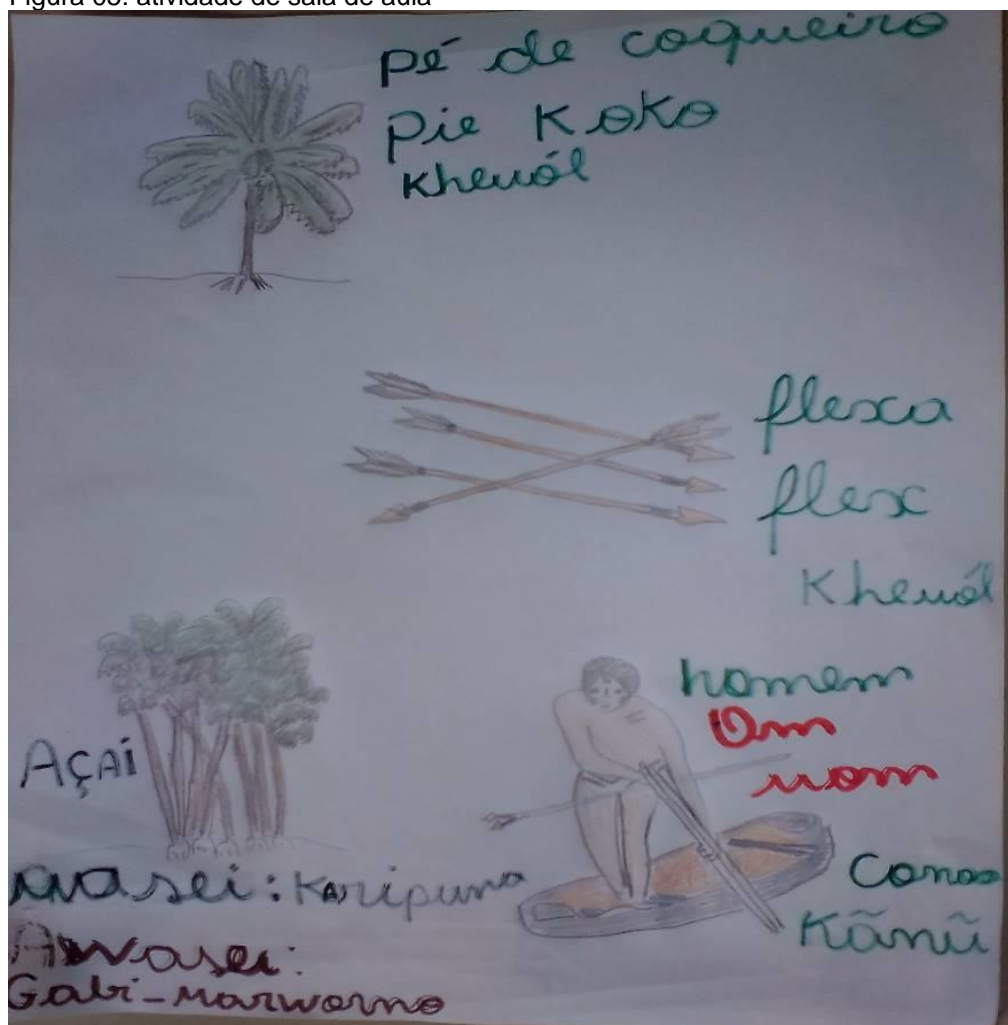
As frases acima foram construídas pelos meus alunos do terceiro, quarto e quinto ano com semente de maramara³ na cartolina.

Eu sempre coloco os alunos karipuna e galibi-marworno para fazerem trabalhos em grupo. Assim, eles se entrosam mais, trocam experiências, mas utilizam o português como a língua de comunicação. Eu e a outra professora sempre desenvolvemos brincadeiras com eles com o objetivo de diminuir a timidez e aumentar o entrosamento entre eles.

Outras atividades que envolvem a língua, tanto kheuól karipuna quanto o kheuól galibi-marworno, são as de identificar animais, objetos, frutas nas duas línguas através de desenhos. Assim, eles observam a diferença que as línguas apresentam e entendem que cada uma tem sua forma de falar e escrever.

³ semente utilizada para fazer artesanato (colares, pulseiras, etc)

Figura 05: atividade de sala de aula

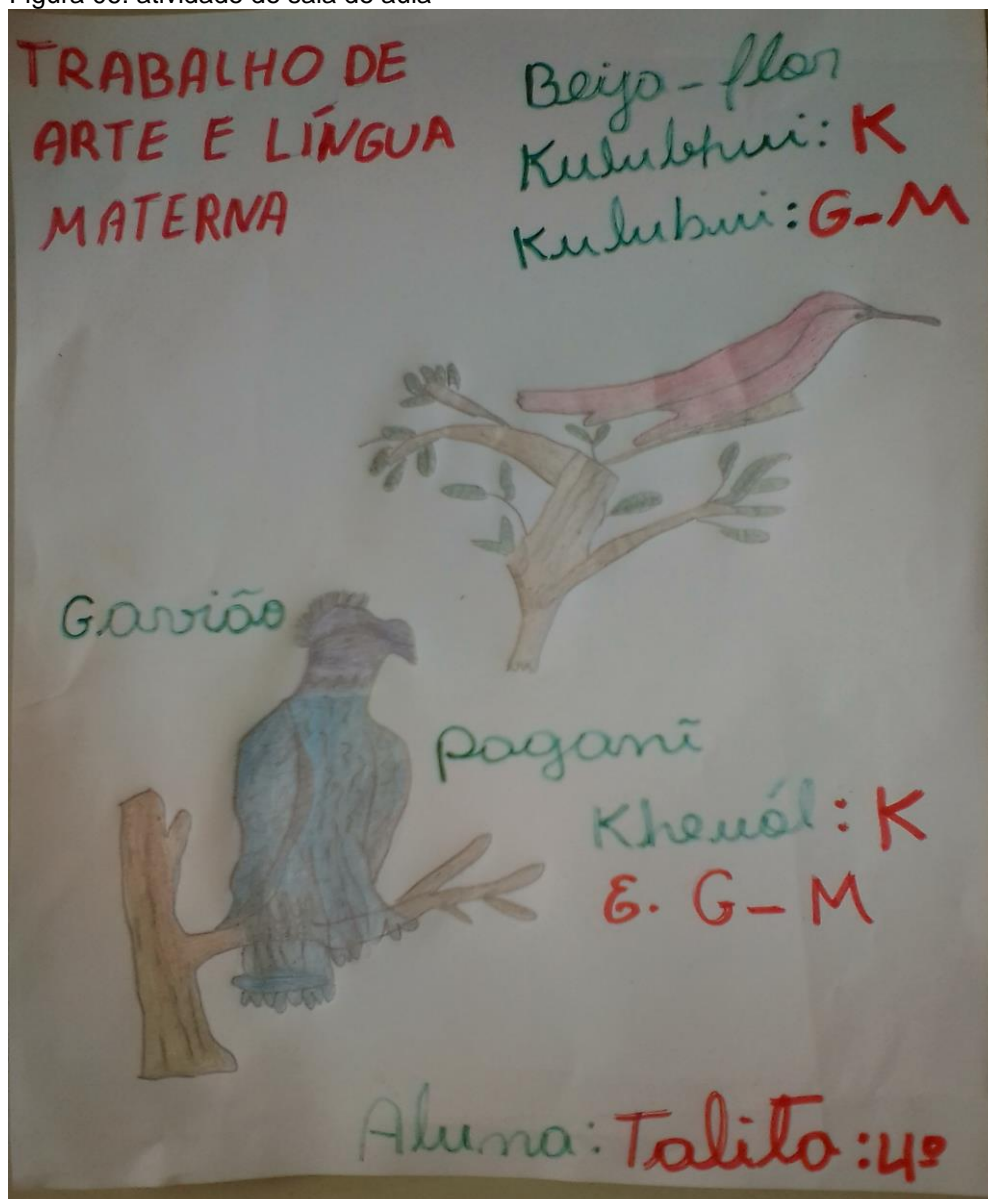


Atividades de sala de aula – desenho realizados pelos alunos da 2º, 3º, 4º e 5º ano (acervo pessoal Gilza - 2019).

A atividade acima era para identificar o pé de coco, as flechas, o pé de açai e o homem. Cada grupo tinha que falar e escrever em sua língua. Depois escrever no cartaz e colar na parede da sala de aula. Esse material serve de apoio para as outras atividades que envolvem as línguas kheuól karipuna, kheuól galibi-marworno e português.

Nesta outra atividade abaixo, os alunos identificaram o beija-flor e o gavião.

Figura 06: atividade de sala de aula

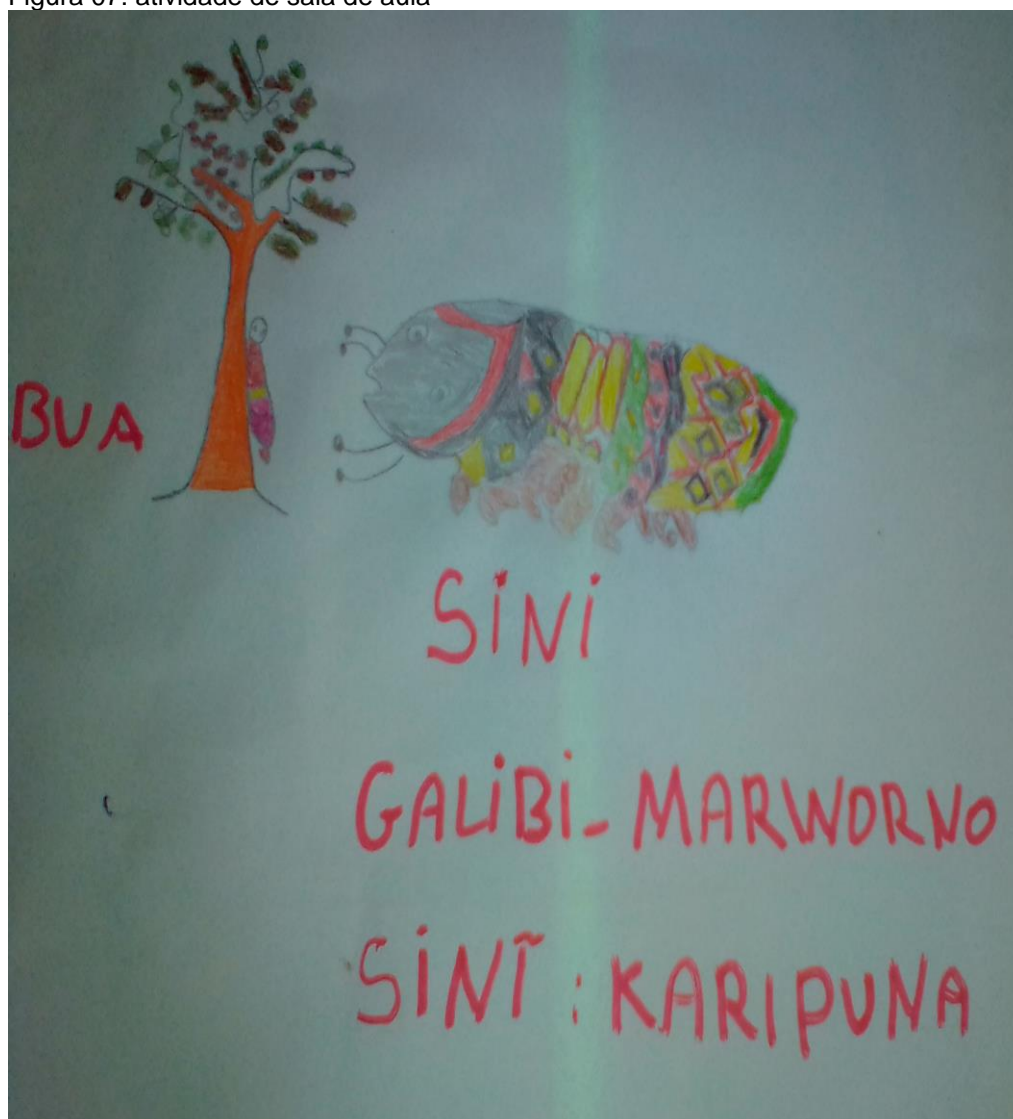


Atividades de sala de aula – desenho realizados pelos alunos da 2º, 3º, 4º e 5º ano (acervo pessoal Gilza - 2019).

Observe que beija-flor em karipuna é escrito *kulubhui* e em galibi-marworno *kulubui*.

Eu pergunto a eles como cada palavra é pronunciada e depois faço os alunos repetirem a mesma palavra nas duas línguas *kheuól*, para que eles possam observar a diferença das palavras nas duas línguas.

Figura 07: atividade de sala de aula



Atividades de sala de aula – desenho realizados pelos alunos da 2º, 3º, 4º e 5º ano (acervo pessoal Gilza - 2019).

Aqui, as palavras *sini* em galibi-marworno e *sinĩ* em karipuna. Para o não falante das duas línguas é difícil perceber as pequenas diferenças entre as duas palavras, uma é nasalizada e a outra é não nasal.

Todos esses desenhos foram realizados pelos meus alunos karipuna e galibi-marworno, são animais e aves da nossa biodiversidade, artesanatos e artefatos do nosso dia a dia.

As atividades em língua portuguesa.

Quando eles estão com dúvidas em uma letra, eu pego um objeto, como por exemplo uma borracha, e pergunto em português - qual é o nome desse objeto e com qual letra a palavra inicia - Quando eles respondem que é com a letra (b), eu

recorto uma letra (b) em papel A4 e peço para eles passarem o dedo em cima da letra várias vezes, eles devem sentir o contorno e memorizar que é o formato da letra (b), eles fazem essa atividade até acertar. Depois trabalho a memorização do som da letra ou da palavra.

Assim, eu vou construindo a minha metodologia e meu material didático. Tenho muitas dúvidas sobre o quanto a minha atuação como professora de língua materna está sendo o suficiente para o aprendizado e manutenção da língua kheuól karipuna e kheuól galibi-marworno. Como eu falei acima, nós professores indígenas, não temos formação para trabalhar com a alfabetização, no caso bilingue, não temos material que nos ajudem dentro de sala de aula. Nós professores indígenas estamos tentando manter as nossas escolas como um local de repasse de conhecimento e de formação dos nossos alunos mesmo com toda a dificuldade encontrada nas escolas. Espero que o meu trabalho traga uma discussão acerca do problema e que possamos pensar junto uma forma de melhorar o ensino de língua materna nas escolas indígenas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentar este estudo de caso sobre o ensino bilíngue praticado na escola Manoel dos Santos é um grande avanço para o meu conhecimento e meu aprendizado. No momento que eu estava colocando os problemas no papel, consegui organizar as ideias para poder compartilhar com outras pessoas, eu percebi o quanto ainda temos que melhorar nossa atuação dentro de sala de aula.

A situação do ensino de língua materna nas escolas indígenas precisa ser analisada, discutida e avaliada por todos nós professores. Nós professores vivemos isso todos os dias, e sabemos dos problemas e das dificuldades das escolas indígenas.

A inclusão da língua materna como componente curricular, na matriz curricular da Educação Escolar Indígena dos povos indígenas da Terra Uaçá, é muito importante para nós indígenas. É um marco muito significativo na valorização e reafirmação das etnias indígenas da região do Oiapoque, para que o direito linguístico seja garantido é preciso que os profissionais indígenas atuem com base nos princípios da interculturalidade e do bilinguismo, trabalhando o ensino da língua materna, no nosso caso o kheuól, é muito importante para nós indígenas. O ensino

da língua materna, esta atitude valoriza, fortalece, e é um instrumento fundamental para a nossa identidade étnica.

Este trabalho foi um desafio, foi um tanto difícil para mim. Descrever a minha atuação, o meu trabalho com duas etnias diferentes, uma bilíngue e outra monolíngue é muito difícil porque, se eu faço a opção de trabalhar somente o português, eu estou excluindo o aluno que só fala o kheuól, se eu faço opção em trabalhar somente o kheuól, eu estarei fortalecendo a nossa língua, mas, por outro lado, aqueles que não entendem kheuól se sentirão excluídos. Tentar pensar uma forma equilibrada é o nosso objetivo, a carga horária para a língua materna é muito pouca em relação às outras disciplinas, não temos um mediador que possa nos acompanhar no nosso trabalho, principalmente nessas escolas pequenas que não tem o corpo docente completo. Eu tenho certeza que muitas escolas indígenas passam por esses mesmos problemas. Há muitas escolas que recebem alunos de várias etnias, porque nós indígenas não casamos somente com pessoas da nossa etnia, casamos também com pessoas de outras etnias e com não indígenas. Sei que é muito bom e importante para nós aprendermos o português, mas o importante mesmo é manter a língua materna viva dentro das escolas indígenas, pois sabemos que nos lares a nossa língua não está sendo mais falada ou que poucos ainda falam. Espero que as secretarias de educação escolar municipal e estadual olhem com mais atenção sobre o componente curricular língua materna para as escolas indígenas, e que os gestores das escolas indígenas, juntamente com as comunidades, discutam sobre essa problemática na perspectiva de encontrarmos uma boa solução.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

TASSINARI, Antonella M. I. (2003). **No Bom da Festa: O Processo de Construção Cultural das Famílias Karipuna do Amapá** – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

VIDAL, L. B. **Povos indígenas do Baixo Oiapoque: o encontro das águas, o encruzo dos saberes e a arte de viver**. 2 ed. Rio de Janeiro: Museu do Índio e Iepé, 2009.